

editorial

Arte

Culinária

A "invasão cultural" do dia 22/9 trouxe inúmeros ingredientes, alguns bastante apimentados. A todo momento se ouviam coisas como: **É PRECISO** "esquentar cadeira", poque sem a pesquisa séria, a consciência perde o fôlego e passa a chafurdar no panfletário e até no sectarismo; **É SABIDO** de todos que a Igreja por muito tempo perdeu a alegria e apostrofou o prazer; **É NECESSÁRIA** a resistência atenta, tensa, par não sermos pilhados por aqueles que nos deram um pequeno desafogo; **ESTÁ CLARO** que, por trás das aparências, vivemos um tempo de guerra, um tempo sem sol e sem dó;

DE TODA MANEIRA, o rio caminha para o mar e um dia o sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão; **É PRECISO** estar atento e forte, não temos tempo de temer a morte; **COMENTA-SE** que a minha terra, um palmo acima do chão, sopra uma brisa ligeira, que vai virar viração; **DEMONSTRAMOS** que uma intervenção teatral vale mais que mil aulas; **NÃO SE ESQUEÇAM**: não esquecer é resistir.

Essas e outras muitas verdades foram brandidas e esgrimidas e continuam a sê-lo em nossa comunidade. Contudo, gregos e troianos parecem estar concordes num ponto: nossa memória universitária, a cada 4 anos, é lavada inteiramente. As gerações estudantis se sucedem com rapidez incrível. Ora, tal situação é muito perigosa pois sabemos que o escondimento dos fatos objetivos é que torna possível a glamorização, a "redglobização" dos conflitos.

Não se trata de — fascistamente — rachar a resistência em dois times: os "coloridos" e os "cinzentos". Estamos diante de um desafio. É preciso criar a síntese entre festa e luta. Os ingredientes estão aí: fazer a feijoada é que são elas...

Porandubas

R. Monte Alegre, 984

Tel: 263.0211 r. 227

Equipe: Jorge Claudio Ribeiro
Edison M. de Almeida
Paola Patassini

Produção Gráfica: Editora AFA

Tiragem: 15.000 exemplares

Seção "MANDA BALA"

CARTAS

D. HÉLDER

Proposta Concessão Título Doutor Honoris Causa a Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife:

1. Ao ensejo dos 50 anos de ordenação sacerdotal correspondendo a uma aspiração de movimentos cristãos de São Paulo e de elementos de nossa comunidade universitária;

2. Caráter pioneiro de sua atuação na área das obras sociais da Igreja, antecipando as linhas de orientação social e política da Igreja na América-Latina hoje;

3. Sua contribuição - nacional, e internacional - em favor da causa dos pobres e das classes desprivilegiadas;

4. O significado político-cultural de seu pensamento e sua ação na construção de uma ordem mundial na justiça e na paz;

5. A importância de sua figura, como incentivo à cultura, à ciência e aos serviços que cabem às instituições universitárias brasileiras hoje, preocupadas em se definirem como instrumento de mudança social;

6. Como reparação ao ostracismo a que sua palavra e seu trabalho foram condenados durante um decênio.

Nadir Kfoury São Paulo 30/09/81

POR QUE NÃO FLORES?

A nossa "invasão" foi criticada por ser festiva demais. Decerto esperavam um discurso sobre a ditadura e meia dúzia de gatos pingados, tudo muito simbólico, algumas lágrimas e muito respeito.

A anti-invasão foi mais que um velório, foi um ato polêmico e cheio de vida. Através dele, a invasão de 22 de setembro de 1977 foi lembrada por todos, tendo uma repercussão muito maior do que em todos os outros anos.

O DCE não concordou com o convite feito ao então secretário Erasmo Dias, A Paulo Egídio Martins e a Romeu Tuma. Que outra forma melhor de mostrar aqueles que invadiram a PUC que ainda estamos vivos e atuantes? Os mesmos discursos de sempre com os mesmos personagens virando pó junto com as cadeiras? Os museus pretendem guardar a história, mas ela acontece a cada dia no balançar dos quadris pela avenida. A história é tecida de diversas cores. Reduzir a dimensão do político a um discurso parlamentar é rotular o cenário da ação, à fiel reprodução do passado, como se para entrar na festa fossem necessários pesados trajes do século passado.

A burocracia do Movimento Estudantil emperra a dinâmica e a ação espontânea dos estudantes. Por exemplo, na declaração do DCE (Folha de S. Paulo, 23/7/81):

"Presidente do DCE PUC explicou que apóia qualquer atividade desde que estruturada dentro das entidades representativas."

Segundo essa declaração o DCE é a entidade representativa dos alunos que só nos representa desde que a ação seja estruturada dentro das entidades representativas. É a tautologia da burocracia, um labirinto que se perde nele mesmo.

No dia 22 houve de tudo, música, jogos de teatro, invasão com flores, nota da reitoria desaprovando o evento e o editorial da Folha de São Paulo

apontando a anti-invasão como uma aula de política na Puc. O fato é que o dia 22 de Setembro mexeu com a universidade, sendo esta data lembrada de forma marcante e inusitada.

DE CORPO INTEIRO

REITORIA E INVASÃO

Senhor Redator

No dia após a "invasão cultural" a Reitoria se reuniu com 8 alunos do "grupo" (que não é grupo) do Corpo Inteiro. Dentro do que dizia a nota da Reitoria, o que nos interessa é que todos, alunos, professores, tendências e grupos, reflitam sobre o que acontece, e no caso, sobre a invasão. Aliás, já na noite de 22 de setembro, no Salão Beta, essa reflexão e conversa tinham começado. Um representante do "Corpo Inteiro" expôs aos presentes as reais intenções do grupo, também as políticas, ao comemorar, naquela forma tropicalista, a memória do 4º aniversário da grande humilhação a que a PUC foi submetida.

Na reunião com a Reitoria foram retomados vários pontos esclarecedores, de ambas as partes:

1 — A Reitoria reafirmou suas duas preocupações básicas, que lhe cabem pela sua função dentro da Universidade. São as mesmas que estão na nota: a Universidade tem de garantir as condições para que a sua atividade principal possa ter lugar. Os alunos comparecem aqui para suas aulas, seminários e pesquisas. Isso é prioritário e precisa ser garantido, apesar da exiguidade de nosso terreno e deficiências dos prédios. Isto não significa que a convivência, a brincadeira, o papo, a música, etc. não tenham lugar. É preciso conciliar ambas as coisas. Mas aparelhagem eletrônica de som no máximo de sua potência a 10 metros da sala de aulas: não dá! Deve prevalecer o interesse e o direito da maioria. Fora do horário de aulas: tudo OK. Além disto, ao ver que a "invasão" (que de manhã foi até bonita na opinião da Reitoria) tinha virado, entre 2 e 4 horas da tarde, uma festa barulhenta, muita gente começou a reclamar e a sentir-se ofendida até. Afinal o dia 22 de setembro de 77 para muitos é de amarga memória. Ninguém na PUC, que eu saiba, está pensando em curtir vitimismos estereis e saudosistas. Mas todos querem ser respeitados e desejam que as "novas gerações" conheçam nosso passado de luta. Essa preocupação faz parte do senso crítico e histórico que cabe à Universidade manter vivo. Ora, manter não é "fossilizar".

2 — É evidente que cada geração estudantil tem seus problemas, suas aspirações, expectativas e lutas. A geração 81 está realmente pintando de maneira diferente (Será que o espírito do Glauber está baixando?). Basta ver as plataformas eleitorais dos grupos políticos que disputaram a eleição recém-acontecida na UEE-SP. Duas chapas mudaram de disco por que estão cheirando algo de novo. Há uma reação sintomática contra a ausência de emoção e de "vida vivida", contra o que se ergue e pretende se perpetuar apenas em nome do "já sei, já fiz, já proferi". As palavras de ordem de eficiência já comprovada estão sob suspeita. Mas seria muito bom suspeitar também das "palavras de ordem" que supostamente estão

sendo ditas agora. Na palavra de ordem, por definição, não há criatividade e vida. Não é só porque os jardins estão cheios de barraquinhas com produtos naturais que eu já me re-situei na natureza.

3 — A Reitoria enquanto tal, não tem competência, nem atribuição, para intervir "decisóriamente" no debate cultural. Isto é algo evidente. O debate cultural só existe se é de todos. Mas lhe cabe lembrar a comunidade aquilo que também outros órgãos, entidades e pessoas da Universidade devem lembrar, sob pena de a Universidade (que é um lugar de crítica "radical") perder o seu sentido e identidade: há uma diferença (o que não significa necessariamente separação) entre o espaço cultural universitário e outros espaços culturais. Por exemplo: a PUC não é Águas Claras nem boite Gallery, nem a Henrique Schaumann. Ela é a Universidade, não pode deixar de sentir a presença de novos fermentos culturais (que podem estar vindo de lá). Se ela porém, cair na arapuca do nivelamento por baixo ela estaria erigindo "em universal o capital cultural dos filhos da burguesia e da pequena burguesia consumista" (Bento Prado) e ocultando assim as verdadeiras raízes, expressões e os interesses realmente vitais para a vida e o prazer (que segundo Tomás de Aquino é o fim último do homem).

4 — Permita-me, senhor redator, citar uma frasezinha preciosa de Jorge Luiz Borges, escrita em italiano para homenagear o Gramsci: "Se l'intellettuale organico non è proprio un'intellettuale deverrá un fisiológico". Donde se conclui que sem inteligência, o corpo não se torna "inteiro". Talvez tenha razão o Cox (aquele teórico dos movimentos americanos da festa e do prazer): "existe no mundo de hoje (em 1967!) um hiato desnecessário entre os que almejam transformá-lo e os que pretendem ter o prazer da vida". E se a Universidade ajudasse a gente a reaproximar as duas coisas? A SBPC do Rio de Janeiro parece que percebeu a urgência dessa aproximação. Acaba de organizar uma série de palestras científicas de alto nível, com verba do CNPq, em meia dúzia de áreas do conhecimento: astrofísica, biofísica, física nuclear, estatística, medicina, ciência de computação. Só dava PhD no pedaço. O cartaz de propaganda foi feito pelo Claudius. Mostrava Einstein com a língua para fora, de short, sandálias havaianas, camisa do Flamengo e pandeiro na mão. Os PhDs gostaram. Vai haver até uma segunda série. No Teatro Glauber Rocha. (Será irmã do Glauber?)

Atenciosamente

Edênio Valle (Vice-Reitor Comunitário)

MEDITAÇÕES RAMPEIRAS

(isto é, da rampa)

Meu caro Porã, vou começar com uma historinha.

Cheguei para trabalhar na PUC no ano 79 — digamos, um ano e meio depois da pérfida invasão policial de setembro de 1977. Pois bem, nas proximidades do segundo aniversário daquela operação policial-militar, um aluno me contava — numa matéria que aca-